

FRAGILIDADE E OUTROS POEMAS

Estela Campos de Oliveira¹

FRAGILIDADE²

Dum milagre o amor se faz,
de fragilidade, ser e nada.
Cada momento salvo ao
naufrágio, faz-se reflorir.
Cada desengano relido
em luz foi travessia
de ponte quebrada,
abafado sopro de crer,
azul comando de anjos.

Após tantos extravios, como
por fim astros incendendo
sentidos, afogueada
epifania ?

Difícil é crer no sonho
feito viver e ver-se,
teimoso no entrever
logro e delírio.

¹ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP) e professora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Goiatuba (FAFICH). E-mail: estelacoliveir@uol.com.br

² Goiatuba, 26/08/2013

PORQUE DÓI³

Porque não há
Projeto a caber
Em nosso tempo
Tão diverso,

Porque nos dói
Sermos juntos
E sermos versus,

Ferimo-nos:
Escoriações
São alívio
Em desvio.

Denegações
À evidência
Do impossível.

Culpamos ao
Outro o doer,
Devolvendo
Oblíquas falas,

Dúbias farpas:
Estratégias
De perdurar...

³ Goiatuba, 29/11/2013.

FINITA⁴

Se finita a vida,
perqueri-la

é preciso:
arredar véus,

destramar
trilhas,

destravar
chaves,

inquirir
pilastras.

(Em todas
as coisas

vãos e trincas
as habitam.)

Ou, por vez,
habilmente,

afrontar
fronteiras,

⁴ Goiatuba, 03/12/2013.

implodir
fortalezas.

Pois não disse
Jesus:

Batei
e recebereis?

Se finita a vida,
é preciso

corroer
prisões,

pétreas
certezas,

mudas
muralhas.

NEGANDO A FONTE

Pelo pouco crer em sua fonte, fingindo-se
mais e muitos, rouba-me em seu nada ter.

Desnuda-me o nada - fragilidade original -,
em abuso pisa-me, flagela-me o aí estar.

Foge-me da alma a brisa, em sombras
oxido-me, de cultivados céus descaio.

Pelo pouco crer em sua fonte, rouba-me
em seu nada ter, mais que revirado.

Dolorida, extravio-me de puras esferas,
afogo-me aquém do êxtase anunciado...

Ah, rochas de seu ser, nele rompam
suas ocultações, camaleônicas formas!

Ah, rochas de seu ser, um dia, narcísicas,
lustre-se aí matinal brilho, soe fluvial lira!

5

⁵ 03/05/2015.

SIMPLICIDADE

Vir a alma de rarefeitas regiões
e voejar na face sem urdir pontes
de parecer, instantânea infância.

Descabidamente, sem ardis,
Sobre o improvável de tudo
afirma-se de si graça essencial.

De coisas intrincadas desliza
Pura serpente, ali meio e fim,
Ou levita um feixe de êxtase.

Madruga cósmica unidade,
Sediando estrelas sem fim,
enigma ateando enigmas.

CONCEPÇÃO IDEAL

Como concebemos a eterna
duração, se nada aí
conferimos?

Estudamos meios de driblar
o tempo e seus
estragos

E jamais vimos uma criação
terreal que dele não
sofresse.

A não ser que nosso espírito,
sem vermos, toque
o modelo,

E quiçá alhures se faça
sob outra forma
a perfeição,

Em aspiração, a conectar
um puro ser, por meio
de outro ver.

Outro ver a esse mundo
alheio, outro ver
imaterial,

Outro ver de essência
que nesses olhos
é cego.

II

Pois, por que haveríamos
de querer no que
escapa

A nossa experimentação
ideal, se só persiste
o anseio?

Como desejarmos o que
em nossa vida está
por laivos

De tempo e em um ser
etéreo, a divagar
e teimar?

Por que querermos o que
dói de se querer e mal
se sabe?

Haverá em nós um jeito
de conhecer mais
sutil?

Quiçá um jeito de saber
que, conscientes, nos
ultrapassa,

Buscando, nostálgico, o
saber de um além
mundo...

Ou, em luzes de ciência
e graça, um aqui-além
tudo...